

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

Velha e sábia serpente

O polemista Darcy mostra a sua garra, satirizando censuras, denunciando o enrijecimento do saber e condenando o abuso de poder das elites brasileiras.

(Entrevista concedida a Antônio Machado de Carvalho*)

Darcy Ribeiro é um dos mineiros que deram certo fora de Minas Gerais. Embora sendo migrante temporão – deixou sua terra com pouco menos de 20 anos

– o Professor Darcy Ribeiro se viu obrigado a cultivar uma grande capacidade de adaptação a situações novas, inesperadas e mutáveis.

Assim, ao longo de sua vida, este mineiro de Montes Claros – onde nasceu em 20 de outubro de 1922 – foi desempenhando múltiplos papéis e, qual uma antiga serpente, foi assumindo peles que se renovam.



Hoje, Darcy Ribeiro é Senador da República, eleito pelo Rio de Janeiro, em 1990. Já foi Vice-Governador daquele Estado, além de exercer outras funções políticas. Anteriormente, chegara a ser Ministro de Estado (da Educação e da Casa Civil, no Governo João Goulart).

*Professor de Sociologia da Educação da FAE/UFMG.

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

A pele de escritor fez dele membro da Academia Brasileira de Letras. Outra pele fundamental é a de antropólogo e cientista social. Vestindo-a, Darcy Ribeiro pôde viver e conviver com os índios durante dez anos, o que lhe deu forte referencia sobre uma das matrizes do Povo Brasileiro, sua paixão e preocupação maior, que vem ocupando suas atenções permanentemente.

Mas a pele mais bela de quantas Darcy já teve – tem – é a de educador e construtor de sistemas de ensino e universidades – no Brasil e em outros países, como Costa Rica, Chile, Peru, Venezuela e Uruguai.

Sua veia polêmica se manifesta, aqui, em toda a plenitude afinal, seus projetos costumam ser ousados e de forte impacto social. Os CIEPs do Rio de Janeiro são, até hoje, objeto de controvérsia e significam um marco na educação brasileira. A Universidade de Brasília continua a ser amada e odiada

da com igual intensidade, apesar dos seus quase 40 anos.

A polêmica mais recente em que Darcy se envolveu foi a da mudança da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a LDB. Enfrentando, na sua visão, a perspectiva dos que estavam satisfeitos com a situação da escola brasileira, o Senador Darcy elaborou um substitutivo ao projeto de que foi da Câmara dos Deputados para o Senado, e propôs ao Brasil um novo modelo de ensino capaz de fazer o País se aproximar do século 21, afetando principalmente as escolas de ensino fundamental.

Dessa maneira, quando as crianças brasileiras tiverem uma escolarização similar à das crianças do mundo inteiro (rastreada no princípio da escola de dia completo), “o Brasil deixará de trotar no caminho do atraso e da pobreza”.

PP: Professor, depois de tantos livros científicos e romances para leitores adultos, como o senhor se sentiu escrevendo para crianças?

DR: Gosto muito de conversar com guri de 12, 14 anos, uma idade boa, porque eles estão se abrindo para o mundo, e a gente pode abrir janelas neles, dar liberdade a eles. Para meninos mais novos tenho a mania de dar a noção do som, a noção do ser, a ontologia. Eu converso com eles dizendo: “Você se chama William? Que William nada, sua cara é de Geraldo, seu nariz é de Geraldo”, e começo dizendo que a mãe dele se enganou, o guri fica espantado. Mas é bom quando ele tem a primeira dúvida sobre o ser. Gosto de escrever, escrever me diverte. Escrever pensando que uma criança vai ler me diverte mais ainda. Anos atrás escrevi dois livros infantis, mas nunca consegui publicá-los. Os editores não gostam das histórias porque acham que elas não são próprias para

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

crianças. Talvez tenham razão. Uma das histórias é sobre um gato que descobre que o seu rabinho é emplumado, e a cantiga dele é assim: “merda, bunda, bosta, só quem come gosta...”, mas sempre maliciam essa cantiga e os editores não têm coragem de publicar. Todas as crianças para quem já cantei “merda, bunda, bosta, só quem come gosta...” adoraram isso e cantam essa cantiguinha tão bonita que sempre cantei quando criança.

PP: Que idéias o senhor explorou em seu livro *Noções de Coisas*?

DR: *Noções de Coisas* não é só para crianças, não. Por exemplo, quando falo de eletricidade, de fato, não sei como ela funciona, não acredito nos físicos, na Física, na eletricidade.

PP: O senhor não acredita na eletricidade?

DR: Não sei como funciona a eletricidade, não acredito na teoria dos físicos, que é muito complicada. Propus para as crianças esta outra,

que é obrigá-las a ir à Física, mas ir à Física com coragem de não acreditar nela, de duvidar. *Noções de Coisas* é todo ele um elogio das ciências, mas, ao mesmo tempo,

Do ponto de vista de

Deus, eu e uma

pulga somos entes

iguais. Minha

intenção é que os

guris fiquem em

dúvida: para que

Deus fez pulga tão

perfeita?

de crítica maldosa a ela. Num certo momento, coloco para as crianças o seguinte: o que é melhor, pegar mil cientistas nos seus laboratórios e leva-los para a barca de Noé, ou levar mil feirantes? Me parece que mil feirantes sabem mais coisas, ainda que os cientistas saibam muito mais de poucas

coisas. Então, o cientista é em grande parte inútil, e o povo não é inútil. O que ele faz é o que torna a vida praticável, vivível. O que coloco no livro tem a função de fazer as crianças pensarem sobre as coisas. Por exemplo, o caso da pulga, que é a dúvida grande.

PP: A pulga, Professor? Uma dúvida grande?

DR: Do ponto de vista de Deus, eu e uma pulga somos entes iguais, ele tem que tomar conta de nós. É preciso um computador gigantesco para tomar conta das pulgas e de mim. Minha intenção é que os guris fiquem em dúvida: para que Deus fez pulga tão perfeita? Teve um trabalhão incrível em fazer uma pulga capaz de pular tanto, com as peças todas que tem uma pulga. Mas, o livro não é feito só para cutucar as crianças, para obrigá-las a pensar sobre o mundo, pensar sobre as coisas. Ele é a minha atitude de repensar as coisas. O que tenho de base na vida é um acúmulo de experiências de

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

coisas que vi. Tenho também uma quantidade de conhecimentos que são duvidosos, que são provisórios. A própria ciência, sua qualidade mais alta, é que ela está sempre em causa, está sempre pronta a se mudar, a se transformar. Por exemplo, os cientistas têm vários livros sobre Astronomia, sobre Matemática, para obrigar a criança a pensar no zero. O zero é o ente mais importante da Matemática. E o que é o zero? Nada. Então, foi uma coisa que me divertiu fazer, me diverte ver a reação das crianças ao lerem isso, e creio que tem um certo valor. Só que o valor é mais ou menos antipedagógico. A pedagogia é para ensinar coisas sérias, confiáveis, para fazer as crianças confiarem no saber acadêmico, no saber formal, escolástico. O meu livro é para fazê-las desconfiar desse saber.

PP: Quais são suas admirações literárias?

DR: Gosto imensamente – e me ajudaram muito – de to-

dos os escritores nordestinos. Todos aqueles – José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos – que nos deram imagens do Brasil que nós não tínhamos antes,

A pedagogia é para ensinar coisas sérias, confiáveis, para fazer as crianças confiarem no saber acadêmico, no saber formal, escolástico. O meu livro é para fazê-las desconfiar desse saber.

que mostraram como a sociedade arcaica funcionava, como nem Gilberto Freire mostrou. Por outro lado, gosto muitíssimo do Guimarães Rosa, que não só tinha uma capacidade de memória enorme, que permitiu a ele guardar na cabeça, e nos anos que teve de exílio, aquela língua são-francisca-

na de Cordisburgo, de Montes Claros. Surpreendo nele muita coisa que é a língua de minha avó. Mas o que mais gosto dele é a prodigiosa capacidade de inventar, e de inventar com linguagem mágica, de obrigar a gente a ver o mundo com os olhos dele. A obra de Mário de Andrade, enquanto etnólogo, curioso, foi o que aconteceu de mais importante na Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Ele leva os paulistas a conhecerem Ouro Preto, ele se encanta com o Barroco, ele vai ao Nordeste, vai à Amazônia. Mário de Andrade foi uma figura formidável.

PP: Por falar em Amazônia, como o senhor vê a situação atual da demarcação das terras indígenas?

DR: Fui eu quem marcou o primeiro parque, o do Xingu. A idéia que prevalecia antes era a de dar a cada povo indígena um pedacinho de terra, como uma fazendinha, onde eles morriam de fome: ocorria o que está ocorrendo, por exemplo,

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

com os Guarani, que têm lotezinhos de mil ou dois mil hectares. E como eles aumentaram de número, são centenas de índios vivendo daquilo. São recebidos com toda brutalidade pelo fazendeiro vizinho, que os trata como preguiçosos, e são levados a um desespero tal, que centenas deles já suicidaram. Jovens em torno de 20 anos suicidarem, porque a vida não vale a pena, é terrível, e isso é consequência da quebra do quadro ecológico, rompendo a estrutura básica em que eles viviam.

Todos os cientistas competentes do mundo, físicos, químicos, biólogos, antropólogos, todas as pessoas de saber estão preocupadas com os índios do Brasil, com os poucos que restaram da expansão européia. A expansão européia foi de uma brutalidade tremenda, apagou mais de 10 mil povos. Quando fui receber o título de Doutor Hono-

ris Causa da Universidade de Copenhague, a única coisa que a rainha me falou foi isto: pediu que eu dissesse ao presidente do Brasil que ela estava muito contente,



*Uma boa escola pública faz
uma nação.*

porque estavam afinal marcando o território dos Ianomani. E aí, qual é a alternativa, quais são as opções para tratar a questão das demarcações? Ou você pega cada uma das aldeias e faz

um curralzinho, para eles morrerem lá, ou você dá um território a todos eles para poderem continuar caçando e pescando. A alternativa é entregar isso aos garimpeiros que, com o mercúrio e com a poluição das águas, destruirão aquele pedaço da Amazônia. Por que destruir esse pedaço que é dos índios, por que não vão destruir um pouquinho adiante, que é propriedade privada?

PP: A globalização prejudica o Brasil?

DR: A globalização não é nenhuma novidade. O Brasil nasceu globalizado. Como é que o Brasil surgiu? Gastando índios e gastando negros aos milhões para produzir açúcar, não para produzir o que o negro

queria comer. Comia o que jogavam para ele como resto, mas ele produzia o açúcar que adoçava a boca dos europeus e os enricava. Depois, outros milhões de ne-

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

gros foram importados para Minas, sobretudo para produzir ouro, que não era para quem produzia, mas para mandar para fora. Pois bem, isso é globalização. Isso é um povo ser usado e organizado, não para atender suas condições de existência e de multiplicação, mas para atender as condições exigidas lá fora. Querer mais globalização e apresentar isso como novidade é de uma estupidez cavalariça. A globalização para o Brasil é continuar trotando no caminho que empobreceu e escravizou nosso povo.

PP: E as privatizações?

DR: No Brasil, os efeitos da privatização se mostram em duas coisas. Uma privatização foi feita no ensino público superior. O ensino superior, em vez de fazer crescer suas universidades públicas, que podiam multiplicar por quatro suas matrículas – tinham professores, laboratórios, têm espaços imensos, quando comparados com México, Buenos Aires ou Nova Iorque -, multipli-

cou a escola privada e paga. O proletariado estudantil é o mais sacrificado. É uma barbaridade enorme que se tenha entregado o ensino superior ao lucro, às empresas

Todos os cientistas competentes do mundo, físicos, químicos, biólogos, antropólogos, todas as pessoas de saber estão preocupadas com os índios do Brasil, com os poucos que restaram da expansão européia.

organizadas com objetivo de lucro. A mesma barbaridade se fez com a saúde. Nós tínhamos Santa Casa, tínhamos ambulatórios públicos, hospitais públicos, que eram instituições que tentavam atender à população. A população cresceu, foi preciso ampliar, mas em vez de ampliarem os hospi-

tais públicos, ampliaram os privados que existem para lucrar; não matam, mas deixam morrer, ou salvam gente conforme o que paguem. Quer dizer, quando o lucro e o espírito banqueiro presidem as coisas, tudo vai mal.

PP: Como foi sua experiência como professor, dentro de sala de aula?

DR: Fui professor da Universidade Federal do Rio por alguns anos, a partir de 1954/55 até 1961, e lá formei muita gente como professor de Antropologia. Em 1960/61, fui para Brasília organizar a Universidade e como reitor tive pouca oportunidade de dar aula. Havia um curso de Antropologia na Universidade, e eu gostava de ir lá dar aula. Falava mais da minha experiência de campo como antropólogo. Quando caí no exílio, vivi disso. Quando estive no Uruguai, fui contratado como professor de Antropologia e também para fazer um projeto de reforma da universidade. Vivi dessas duas coisas. Em Caracas fui pro-

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

fessor de Antropologia da Universidade Central e no curso de Pós-Graduação. A mesma coisa, mais tarde no Peru e no Chile. Quando voltei do exílio, tornei a me apresentar na Faculdade de Filosofia, em Brasília, onde fui professor e dei dois anos de curso. É algo de que gosto muito.

Pude ver como formar gente, profissionalmente, para as Ciências Sociais e para a Antropologia. Montei o primeiro curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil, no Museu do Índio, o segundo, no Ministério da Educação, no INEP, que passou depois para o Museu Nacional. Criei também o primeiro curso de Pós-Graduação em Antropologia. É claro que me dava um grande prazer conviver e ajudar os alunos a fazerem seus projetos de tese. Toda ocupação do cientista é a capacidade de formular problemas e de encontrar estratégias para resolvê-los. Fiz isso tudo sempre com muito gosto.

PP: Há quem acredite que os “forninhos de assar crianças” que existem em Belo Horizonte, feitos pelo Newton Cardoso, são obra da sua estada em Minas.

Querer mais globalização e apresentar isso como novidade é de uma estupidez cavalgar. A globalização para o Brasil é continuar trotando no caminho que empobreceu e escravizou nosso povo.

Como é que o senhor responde a isso?

DR: É o seguinte: eu estava desempregado no Rio e estava interessado em educação. Fui para Minas porque o Newton se comprometeu a fazer cem CIEPs. O Banco Mundial e o Banco Interamericano iriam dar cem milhões de dólares de emprés-

timo a Minas. Com algum dinheiro mais, poderíamos fazer setenta ou cem CIEPs. Fui para lá com isso arrumado. O pessoal de Washington até veio, tivemos uma reunião em Ouro Preto, em que discutimos o programa educacional que eles tinham aprovado. Mas acontece que o programa proposto pelo Newton nunca tinha sido aceito pelo Sarney, porque o Sarney não queria que se fizesse escola do Brizola em Minas, ou parecida com Brizola. Então, aquilo nunca teve vez. Quando vi, depois de seis meses, que era uma mentira, que o Newton não era confiável, fiquei esperando ter um programa de televisão. Quando houve um programa direto, contei tudo aos mineiros. Eles me chamaram, me enganaram, não querem fazer escola nenhuma, tudo isso aqui é uma molecagem. O Newton tem compulsão assinatória, qualquer papel que se põe na frente, ele assina, mas a assinatura dele não vale, e estou indo embora. Então foi tudo muito ruim.

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

Só foi bom por um motivo: anos depois, o Brizola convence o Collor de fazer dez mil CIEPs. O Collor resolve fazer cinco mil, mas pede que não sejam iguais aos de Niemeyer. Pegamos, então, os planos de Minas e foram construídos os CIACs. O projeto que fiz cuidadosamente para Minas, foi adotado pelo Collor. Só que o Collor caiu, ele pretendia fazer cinco mil, podia ter feito três mil, o programa ficou parado no meio. Mas as edificações que existem são ótimas, não aquela bobagem, escolinha de assar gente que fizeram em Belo Horizonte.

PP: Muita gente critica os CIEPs, dizendo que eles foram concebidos para retirar pivetes da rua, para meninos delinqüentes. Os CIEPs foram feitos com esse objetivo, professor?

DR: Não. Há muita burrice no Brasil e muita ignorância. No mundo inteiro, só há CIEPs, não há escola de turno. Só há escola de tempo integral em que o menino pas-

sa o dia inteiro, estuda e toma sua refeição. A escola de turno supõe que o aluno tenha uma casa, e a casa tenha material didático, tenha quem estude com ele. No

Toda ocupação do cientista é a capacidade de formular problemas e de encontrar estratégias para resolve-los. Fiz isso tudo sempre com muito gosto.

Brasil, 80% da população não têm casa com mesa, não têm material didático, não têm quem já tenha estudado. Por isso é que metade das crianças fica repetindo a 1ª série, e menos da metade completa a 4ª série primária, que é quando se alfabetiza. Então, pode-se dizer que se formam mais analfa-

betos que alfabetizados. É preciso dar às crianças pobres aquele suplemento que elas necessitam, para que possam competir com a classe média. No dia em que todas as crianças do Brasil tiverem a 5ª série primária completa, sabendo ler, escrever carta, fazer conta, estudar, aprender, o Brasil muda de cara.

PP: Que avaliação o senhor faz de educadores como Anísio Teixeira, Helena Antipoff, Paulo Freire e tantos outros que marcaram a história educacional do Brasil?

DR: Anísio foi a inteligência mais brilhante que conheci, e a mais erudita, mas uma erudição muito voltada para as coisas concretas. Anísio era um homem formado com a tradição, a erudição e a dureza jesuítica, que não estuda nada à-toa, que tem tudo muito ordenado. Depois, ele foi para os Estados Unidos estudar com o Dewey, passou dois anos lá vendo uma filosofia aberta, vendo uma pedagogia voltada

ENTREVISTA

DARCY RIBEIRO

para o povo americano, para a prática da educação do povo americano. Uma gente que dizia coisas bárbaras como esta: a maior invenção do mundo é a escola pública. Uma boa escola pública faz uma nação. O Anísio saiu de lá com essa religião. Foi o que fez o Anísio causar tanta estranheza.

Helena Antipoff foi uma mulher com formação universitária como professora, na Suíça, que chega a Minas e se encanta com aquela pobreza, com aquela infância toda, precisando tanto da mão dela. Ela fez um bonito trabalho em Minas. Mas Helena estava preocupada com um problema que na Suíça tem sentido, que é o problema do menino excepcional, mas o maior problema de Minas era o do menino comum, era alfabetizar o mineiro boçalão.. e ela nunca teve interesse por isso, porque na Suíça esse problema já estava resolvido.

Quanto ao Paulo Freire, o mundo todo leu Paulo Freire, ninguém engana o mundo. Você não pode ser o mai-

or escritor, mais traduzido e mais editado, enganando os outros. Este é o caso concreto do Paulo Freire, que ficou conhecido no mundo, porque tinha o que dizer.

No mundo inteiro, só há CIEPs, não há escola de turno. Só há escola de tempo integral em que o menino passa o dia inteiro, estuda e toma sua refeição.

Há quem queira fazer uma redução de Paulo Freire, comentando: não diz mais do que a Antropologia diz sobre o analfabeto, não é mais do que a idéia de que, em lugar de alfabetizar, você tem que dar convivência humana, igualdade, que você tem que fazer a consciência ou a cabeça do aluno. De qual-

quer forma, quem sintetizou tudo isso foi o Paulo Freire, que tem beleza intelectual e uma acuidade enorme.

PP: Que formação é preciso dar aos professores para melhorar o ensino em geral, e o ensino público em particular?

DR: Uma das deficiências fundamentais do sistema educacional brasileiro é que ele está muito mais voltado para o cultivo da erudição acadêmica, para os discursos sobre a didática e a pedagogia, do que para a prática de ensinar.

É preciso reconhecer e valorizar o talento e a sensibilidade daqueles professores que, apesar de todas as dificuldades, conseguem, na prática, alfabetizar, para que se possa aprender com eles, vendo-os trabalhar e analisar seu modo de atuar. Ensinar é uma arte. Pedagogia, Didática são instrumentos que facilitam o exercício dessa arte, mas não a substituem.